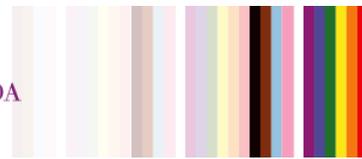




SEMINÁRIO INTERNACIONAL

VIII A ARTE DA BIBLIOGRAFIA



VIII A Arte da Bibliografia: Bibliografia e Justiça Social

LivrOnça: um devir-América bibliográfico

BookOunce: a bibliographic becoming-America

Vinícios Souza de Menezes (Universidade Federal de Sergipe)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O texto está disposto em três momentos dialógicos: i) um devir-América bibliográfico e contracultural proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, ii) *LivrOnça* como livro de *Abya Yala* presente nas formulações gramatológicas da América propostas por Gordon Brotherston e nas semiografias da diferença grafadas por Eduardo Viveiros de Castro como *diferOnça* (*différonce*), e, por fim, iii) o último instante textual aborda o *finício* das escrituras ameríndias, um fim como cessação da condição absoluta e acabada do livro ocidental provocado pelo novo início da escritura ameríndia, seu novo e seu antigo começo, aberto uma vez mais pelos povos da Terra Viva.

Palavras-Chave: LivrOnça. DiferOnça. Gramatologia da América. Filosofia do Livro. Pensamento ameríndio.

Abstract: The text is arranged in three dialogical moments: i) a bibliographic and countercultural becoming-America proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, ii) *BookOunce* as a book by *Abya Yala* present in the grammatological formulations of America proposed by Gordon Brotherston and in the spelled semiophagy of difference by Eduardo Viveiros de Castro as *differOunce* (*différonce*), and, finally, iii) the last textual moment addresses the *endbeginning* of the Amerindian scriptures, an end as the cessation of the absolute and finished condition of the Western book caused by the new beginning of Amerindian scripture, its new and its old beginning, opened once more by the peoples of Living Earth.

Keywords: *BookOunce*. *Différonce*. Grammatology of America. Philosophy of the Book. Amerindian thought.

1 (RE)INTRODUÇÃO: UM DEVIR-AMÉRICA

É preciso criar um lugar à parte para a América. Claro, ela não está isenta da dominação das árvores e de uma busca das raízes. [...] Diferença entre o livro americano e o livro europeu, inclusive quando o americano se põe na pista das árvores. Diferenças na concepção do livro. *'Folhas de relva'*. E, no interior da América, não são sempre as mesmas direções: à leste se faz a busca arborescente e o retorno ao velho mundo. Mas o oeste rizomático, com seus índios sem ascendência, seu limite sempre fugidio, suas fronteiras movediças e deslocadas. Todo um 'mapa' americano, no oeste, onde até as árvores fazem rizoma. A América inverteu as direções: ela colocou seu oriente no oeste, como se a terra tivesse devindo redonda precisamente na América; seu oeste é a própria franja do leste. (Não é a Índia, como acreditava Haudricourt, o intermediário entre o Ocidente e o Oriente, é a América que faz Pivô e mecanismo de inversão.) A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga o canal...

Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Introdução: rizoma* (1995, p. 40-41)

Em *Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade*, Antônio Cândido (1977) narra um episódio emblemático do devir-América anunciado por Deleuze e Guattari. Por volta de 1950, Oswald de Andrade se preparava para inscrever-se no concurso para a Cadeira de Filosofia da Universidade de São Paulo e Antônio Cândido insistia para que não concorresse, pois tratava-se de um campo técnico, para o qual não estava preparado (não tinha formação), e que isto poderia desgastá-lo. Tateante, Antônio Cândido (1977, p. 72) dizia que tinha ouvido um vocabulário arrevesado de “ser-no-outro”, “por-si”, “orifício existencial” e que, ao modo de ilustração, um afamado examinador poderia perguntar-lhe: “Diga-me V. S. qual é a impostação hodierna da problemática ontológica?”, e, sem pestanejar, Oswald respondeu: “V. Excia. está muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.” Em outras palavras, os problemas ameríndios não são substanciais, nem se referem ao imaginário ocidental de definição exclusiva do Ser. Ao modo das perspectivas ameríndias, a humanidade é uma condição disseminada entre todos – não há diferença ontológica. Tem ser quem possui ponto de vista, esta é a perspectiva de *Abya Yala* (Terra Viva¹). Aos ameríndios, interessa ver e comer conforme as suas humanidades, para assim, na multiplicidade das relações e suas agências, ter no outro um acréscimo de diferenciação e potencialização da vida. A antropofagia é a força (sustância) que nos une, nos diz a primeira sentença do *Manifesto antropófago* (ANDRADE, 2011, p. 67). Portanto, nesse mundo todo vivo

¹ *Abya Yala* significa Terra Viva, expressão de autodesignação do povo Kuna para o continente americano.

que vê e come, torna-se pragmaticamente mais relevante a imanência odontológica do regime alimentar e suas semiofagias (deglutições dos sentidos e significações) do que a abstinência imaculada do ente transcendental e as rememorações da coisa perdida. A escrita e o livro ameríndios encontram-se dimensionados pelo registro jaguar do sentido (*chilam balam*). A cada tentativa de cooptação totalitária do sentido, os comensais da forma o devoram. Trata-se de ligar pensamentos (*chinã ātinānāi*) a partir das suas aglutinações semiofágicas, não de os aprisionar no território dogmático da ideia (*eidōs*) e do sentido (*ousía*).

Seguir o canal da canção odontológica evoca um tema ancestral e escritural da filosofia ameríndia. Esta aliança bibliográfica do devir-América apresenta-se, por exemplo, nas expressões ameríndias: “seguir o caminho do risco” (*kusiwa*), como falam os povos amazônicos Wayãpi a respeito da escrita xamânica (MACEDO, 2009), ou, “o caminho do livro” (*amoxohtoca*), como diziam, antes dos europeus, os povos mesoamericanos Nahuas (LÉON-PORTILLA, 2012). Os livros americanos invertem as direções do livro total europeu, ao abrirem outras percepções bibliográficas obstruídas pelas dizimações coloniais. A semiofagia ou o caminho do livro são canais liminares para pensar de modo descolonizado o conceito de livro e suas possíveis cartografias bibliográficas, resistentes nas brechas da máquina totalitária, genocida e epistemicida do Ocidente.

O rizoma americano é um compósito de associações canibais. Perseguidos, queimados e recompostos pelos diversos agenciamentos indígenas coloniais e pós-coloniais, os livros ancestrais de *Abya Yala* deslocam-se das metafísicas coloniais do “livro-aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25) e passam a operar alianças com o mundo através das suas metafísicas canibais (VIVEIROS DE CASTRO, 2018a). O livro americano é afirmado no devir das peles do mundo, nas circunstâncias dos seus contextos escriturais, na semiofagia dos seus atos e na multiplicidade das suas paisagens texto-visuais. O objetivo desta pesquisa é reintroduzir os elementos do *livrOnça*, esquecidos nas camadas discursivas ocidentais do campo informacional. Hipoteticamente, pretende-se mostrar como a percepção americana do livro e da escrita pode alterar os pressupostos gramatológicos dos estudos bibliográficos. Por fim, sob as fronteiras movediças e as inversões do devir-América, recoloca-se a questão: o que é um livro?

2 LIVRONÇA: UMA DIFFÉRONCE GRAMATOLÓGICA DA AMÉRICA

Talvez em meu rosto estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse a meta de minha busca. Estava nesse afã quando me lembrei de que o jaguar era um dos atributos do deus. Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a

primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e gerariam infindavelmente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens pudessem receber. Imaginei essa rede de tigres, esse candente labirinto de tigres, causando horror nas pradarias e nos rebanhos para conservar um desenho. [...] Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim consegui fixar na mente as negras formas que marcavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam riscas transversais na face interior das pernas; outras, anulares, repetiam-se. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas.

Jorge Luis Borges, *A escrita do deus* (2008, p. 106-107).

Leitor das escritas ameríndias, Jorge Luis Borges compartilha a aventura de decifração de Tzinacán, sábio maya, que descobrira as escrituras de Qaholom, seu deus, inscritas sobre a pele do jaguar, aprisionado ao lado de sua cela de pedra. Através de uma história ficcional, Borges relata um modo real e perspectivo da escritura ameríndia: as peles naturais e artificiais do corpo do mundo americano. Gordon Brotherston (2001) em *Meaning in a Bororo jaguar skin* apresenta um conjunto de significados da pele de onça do povo Bororo², tanto do ponto de vista externo e natural da pele – como no caso de Tzinacán – quanto da produção e fabricação feita pelos Bororo na face interna da pele. *Adugo biri* é como os Bororo chamam essas peles de onça e, de modo complementar, as peles pintadas. *Adugo biri* significa também escrita. *Ikuie adugo* é uma expressão específica para pintura de rosto, de olho e da estrela. Estes conjuntos de pinturas e grafismos estão associados ao céu noturno, local da guerra travada entre o Jaguar, o Sol e a Lua que resultou na expulsão do Sol e da Lua para o céu e na libertação da Terra para a fruição das vidas humanas e não-humanas³.

Por sua grande capacidade de transitar com destreza em diversas geografias – telúricas e espirituais –, por caçar habilmente em diferentes ambientes e por possuir uma pele profundamente pintada – marca distintiva do humano⁴ –, a onça-jaguar é a imagem por excelência da potência de ser à qual os humanos perseguem. Dotar-se de capacidades análogas à da onça é um objetivo almejado em inúmeras sociedades ameríndias (TAYLOR; VIVEIROS DE

² A partir do complexo de mitos fundacionais dos Bororo, Claude Lévi-Strauss (2004) no livro *O cru e o cozido*, volume um das *Mitológicas*, formulou o M1, referência básica das cosmologias ameríndias – o ponto nodal para compreender o pensamento selvagem dos povos americanos.

³ “Hence, the *Adugo biri* come to epitomise a whole philosophy of origins and social practice, in which the jaguar features large as both founding father and the sky spirit embattled with sun and moon.” (BROTHERSON, 2001, p. 246-247)

⁴ Nas sociedades ameríndias, o corpo pintado é a medida do humano.

CASTRO, 2019, p. 797) e esta possibilidade se dá através da pele, uma fronteira imanente com os distintos mundos. Por meio do *Adugo biri* dos Bororo encontramos ecos do livro na baixa América do Sul, especialmente, n’*A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*, onde Davi Kopenawa (2015, p. 66) através de Bruce Albert chama o livro de uma “pele de imagens” (*utupayasiki*), profundamente vivo, perspectivamente humano e radicalmente transformacional. As peles de imagens das onças são o metonímico livro americano – o *livrOnça*. Antes da definição canônica do Ocidente, o livro enquanto pele estava presente na palavra grega *biblion*, a “pele” (*membranae*) ou a “película” (*diphthera*) informe que suporta e possibilita potencialmente toda e qualquer escrita, todo e qualquer possível formato de livro, sem a ele submeter-se, como argumentado na *différance* de Derrida (2004, p. 21).

Devorando Derrida a partir das escrituras indígenas americanas, Gordon Brotherston (1986) propõe uma *grammatology of America*, fora das circunscrições do fonologismo ocidental e dos seus pressupostos etnocêntricos e logocêntricos. Por outras vias indigenistas, Eduardo Viveiros de Castro (2018b) apresenta a *diferOnça (différonce)*, grafada com O maiúsculo para semelhar a gOela aberta da onça. A *diferOnça* é uma releitura político antropofágica dos conceitos de diferença presentes em Derrida e em Deleuze. Sob esta perspectiva falamos do *LivrOnça*, palavra-valise fruto de uma devoração entre a onça (fera) e o livro (fora)⁵, um *intermezzo* rizomático e gramatológico da *diferOnça (différonce)*. Fruto de uma gramatologia americana e sua *diferOnça*, o *LivrOnça* é uma materialidade escritural dos sentidos ameríndios. Grafados nas superfícies fronteiriças dos mundos, o *LivrOnça* apresenta-se em diferentes suportes americanos: pedras (estelas), murais, ossos, madeiras, cerâmicas, papel maguey e amate (feito de figueira), peles específicas – em geral, de veado, mas também as peles de onça (para textos de formação) e dos corpos vivos dos humanos –, além de uma série de outros artefatos que atravessam as formas de vida ameríndias. Estudar a multiplicidade dos livros ameríndios provoca um colapso na conceituação clássica do livro ocidental.

3 CONSIDERAÇÕES FINICIAIS

Finício é uma palavra-valise para a devoração do fim pelo início. O fim a que se dirige a semiofagia americana é o da teleologia logocêntrica, o fim do livro como a cessação da sua condição absoluta e acabada. O *livrOnça* é o fim do livro como fim da escritura linear e o começo

⁵ “Um livro existe apenas pelo fora e no fora.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18)

da escritura ameríndia, sua origem, seu novo e seu antigo começo, uma possibilidade aberta uma vez mais pelos povos extramodernos da Terra Viva.

Antes do mau encontro com os povos universais, os povos mesoamericanos já possuíam os seus livros. Deus comum em diversos panteões mesoamericanos, *Quetzalcóatl* é o primeiro *tlacuilo* (pintor escriba) e inventor dos livros. Os Nahuas chamavam o livro de *amoxtli* e as bibliotecas de *amoxcali*. O *tlahcuilo* (pintor escriba) faz-se *tlamatini* (sábio) a partir das tintas negras e vermelhas (*tlilli*, *tlapalli*) dos livros (*amoxtli*). Como na perspectiva dos grafismos corporais da América do Sul, o *tlahcuilo* (pintor escriba) atuava como um *tlayoltehuiani*, um endeusador das coisas, ao conferir agência às superfícies (peles) pintadas. Em algumas representações míticas de *Quetzalcóatl*, o deus encontra-se vestido com peles de onça em seu exercício pictoglífico (LEÓN-PORTILLA, 2012). Os Mayas chamavam seus pintores escribas e os livros de *dz'ibob*, os Mixtecos denominavam *ah ts'ib*, os pintores escribas, os Quiché atribuem a palavra *vuh* (ou *wuj*) para livro e os Yucateco chamavam de *huun*, o papel amate – feito com fibra de figueira – e o livro (SANTOS, 2017), além de *chilam balam* ser a expressão homônima do pintor escriba onça-jaguar e do “livro dos livros” dos Mayas Yucateco.

Sonhar à maneira dos povos ameríndios com outros livros e outras grafias é um modo de estudá-los, de preencher-se de lembranças, muitas vezes mutiladas pelos empreendimentos coloniais. Neste exercício pragmático de imaginação conceitual, o sonho não é um modo de alienação do mundo real, nem uma renúncia da vida prática. Trata-se de um modo concreto e presente de conceber as questões da vida prática como possibilidades. E essas garantias de possibilidades, como dizia Oswald de Andrade (2011, p. 70-71): devoramos. Ailton Krenak (2019, p. 52-53) argumenta que seguir os sonhos é ser informado por eles, dar sentido a vida através da experiência onírica, um caminho de aprendizado. Neste onirismo especulativo, que talvez atravessasse toda a filosofia amazônica, encontra-se a força revitalizadora do conceito de livro. Sobre a autodeterminação dos sentidos das mensagens ameríndias, esta pesquisa preenche-se de vivacidade e busca transferi-la para os estudos informacionais e bibliológicos. O *livrOnça* é um informe da selva culta. A imagem ameríndia do tempo é ancestral e abundante, faz do passado um excesso imprevisível que não para de atualizar-se, sempre e a cada vez de um modo outro. O passado não cessa de passar. Amanhã poderá ter vindo ontem, uma travessia de um ontem que virá, ainda e mais uma vez. Desta maneira, sendo a *diferOnça* uma formulação ameríndia do tempo virtual, encaracola-se no presente a antiga pergunta: afinal, o que é um livro?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. *In: ANDRADE, Oswald. A utopia antropofágica*. Rio de Janeiro: Globo, 2011. p. 67-74.

BORGES, Jorge Luis. A escrita do deus. *In: BORGES, Jorge Luis. O Aleph*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 104-110.

BROTHERSTON, Gordon. Meaning in a Bororo jaguar skin. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 11, p. 243-260, 2001.

BROTHERSTON, Gordon. Towards a grammatology of America. *In: HAWKES, Terence (Org.). Literature, Politics and Theory*. London: Methuen, 1986. p. 190-209.

CÂNDIDO, Antônio. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. *In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 57-87.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEÓN-PORTILHA, Miguel. La riqueza semântica de los códices mesoamericanos. *Estudios de Cultura Náhuatl*, v. 43, p. 139-160, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MACEDO, Silvia Lopes da Silva. Xamanizando a escrita: aspectos comunicativos da escrita ameríndia. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 509-528, 2009.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os sistemas mesoamericanos de escritura. *In: SANTOS, Eduardo Natalino dos; MARTINS, Cristiane B.; FRANÇA, Leila Maria. (Orgs.). História e arqueologia da América indígena. Tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017. p. 73-96.

TAYLOR, Anne Christine; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Um corpo feito de olhares (Amazônia). *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 769-818, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018a.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice: a fera e o fora. *Revista Letras*, v. 98, p. 9-30, 2018b.